

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

No XII Aniversário do "Vitória Sport Club", saudamos efusivamente a sua Ex.^{ma} Direcção, jogadores e associados, fazendo ardentes votos pelas suas prosperidades, para honra sua e de Guimarães.



Dr. José Pinto Rodrigues
Presidente do V. S. C.

SAUDAÇÃO

Ao comemorar-se mais um aniversário do Vitória, é dever meu, como desvalioso presidente da sua actual direcção, saudar todos quantos lhe têm prestado no decorrer de doze anos, dedicado auxílio e prestante colaboração. Desejaria escrever o bastante para dizer claramente o que penso e sinto do passado, do presente e do futuro de tão glorioso organismo desportivo. A responsabilidade do cargo que nele desempenho impede-me que o faça, por motivos facilmente compreensíveis e, até, para evitar a crítica severa de quem visse nas minhas palavras o auto-elogio ou reclame de uma acção directiva que, se não tem sido brilhante, em todas as circunstâncias vem procurando ser correcta e digna.

Na saudação que, calorosamente, sinceramente, dirijo a todos quantos têm trabalhado pelo Vitória, especializo aqueles que o criaram e lhe deram os primeiros impulsos de vida, os atletas que têm defendido, com inexcedível espírito desportivo, as suas cores, os sócios que exemplarmente têm cumprido os seus deveres e as entidades oficiais que lhe têm prestado assistência.

Para todos, o profundo reconhecimento da direcção do Vitória, com a promessa formal de que, enquanto ela se conservar no desempenho das suas funções, tudo fará para manter elevado o nome do Club que soube conquistar, e ha-de saber manter, o cubiçado e honrosíssimo título de campeão da Associação de Foot-Ball de Braga.

JOSÉ PINTO RODRIGUES.

Uma Raça só é grande e forte desde que alie à inteligência a robustez física.

A semelhança da raça helénica, que ditou lições ao mundo, os pioneiros das novas civilizações devem integrar-se no dilema: UM ESPÍRITO SÃO NUM CORPO SÃO.

Evolução do Desporto em Guimarães

Quando no ano de 1922, no Campo da Atouguia, foram iniciados os primeiros passes de *foot-ball association*, mal os vimaraneses imaginavam que este ramo de desporto viria a apaixoná-los de sobremaneira — exercendo uma acção de Turismo que honra —, nem tão pouco se vislumbra que Guimarães conseguiria tão alto lugar de destaque no Desporto Nacional.

Até então praticado pelos académicos do nosso Liceu e por meia dúzia de rapazes com algumas posses — os Gualdinos, os Martins Fernandes, os Pereira Mendes e João Barreira —, ao surgir essa época já distante e que marca na vida do homem, o interesse popular pelo *foot-ball* aumentou proporcionalmente aos jogos realizados, sendo dado ver rapazes de todas as condições sociais a cultivá-lo, do rico ao humilde, criando uma unidade de camaradagem que muitos benefícios trará ao carácter da sociedade.

Lembro-me bem! Um grupo de novos cheios de entusiasmo, o Mariano Felgueiras (Filho), o Zeca Neves, o Avelino Dantas, o José Jorge, o Arlindo Ribeiro, os Castros e os Pires, e o Rodrigo Graça, foi quem deu o *empurrão* para que o «Vitória» fôsse organizado, elegendo-se mais tarde a Direcção de que faziam parte António Macedo Guimarães, Emílio P. de Macedo, Luís Gonzaga Leite, Domingos André de Magalhães, Eduardo Pereira dos Santos e Sargento Dória. Sede não havia. A Chapelaria do Macedo, ali, ao Tournal, era o ponto da convergência de todas as atenções. Realizados os primeiros desafios, nos meses de Fevereiro, Março e Abril de 1923, o entusiasmo recobrou, e as filiações no «Vitória» tornaram-se a garantia da existência do novo Club. Dentre estas, citaremos a entrada do Tenente José Campos de Carvalho, L. Coelho, Adriano Mendes e Mário Ferreira, que ocuparam respectivamente os cargos de Capitão Geral, 2.º Secretário e de jogadores. Na época de 1923-1924, o «Vitória» filiava-se na Associação de Foot-ball de Braga, concorrendo ao Campionato Distrital. Em 27 de Janeiro, após várias diligências empreendidas, inaugurava-se solenemente o Campo José Minotes, na quinta do sr. Alberto Teixeira Carneiro. Aí a concorrência triplicou, e necessária foi a construção de bancadas. A assistência feminina já se fazia notar, e o nome do «Vitória» ultrapassava os limites do Concelho. Nova organização do 1.º *team*, e alinhavam pelo club vimaraneses: Armando de Freitas, Tenente Gervásio Campos de Carvalho, Artur e António Mendes, *players* de jogo vistoso e ao mesmo tempo produtivo — o que melhores resultados trouxe ao Club e maior entusiasmo despertou. Jogaram ali clubs de nomeada, tais como: Sporting, de Braga, Oliveira Martins, do Porto, Desportivo Famalicense, Nun'Alvares, Académico e Boavista, do Porto, o Foot-ball Club de Gaia e o Amarantino. A linha do grupo d'honra era composta por: Gervásio; Vicente e Evaristo; A. Mendes, José Campos e Pereira; Costa, Artur, Armando de Freitas, Adriano e Mendes Martins. Em 16 de Dezembro de 1924 foi realizada a eleição dos novos corpos gerentes, que ficaram constituídos pelos sócios: Afonso da Costa Guimarães, Gualdino Pereira, L. Coelho, Eduardo Passos, Eduardo Pereira dos Santos, António Macedo Guimarães e António Costa Guimarães, na Direcção; Joaquim Marques Mendes, António Lage Jordão e Emílio Pereira de Macedo, no Conselho Fiscal; António Faria Martins, Avelino Ferreira Meireles, Tenente Benjamin de Vasconcelos e Manuel Cosme, na Assembleia Geral; Tenente Gervásio Martins Campos de Carvalho e Alfredo Brito respectivamente Capitão Geral e Substituto. O primeiro e dificultoso problema que se deparou à Direcção recém-nomeada foi o conseguir um campo de jogos, visto que o proprietário do Campo José Minotes quiz vedar a quinta e torná-la em sua vivenda. Uma Comissão composta dos srs. Tenentes Carlos Coelho, Heitor de Almeida e José Campos, durante semanas percorreram os terrenos mais próximos da cidade para medições, no intuito de conseguirem o desejado campo. Surgiu o denominado da Perdiz. Contracto feito, e vá de começar as obras e vedação. Entretanto, como outro Club desportivo — o Atlético — continuasse na organização das suas provas, a Direcção do «Vitória» não perdeu o ensejo de criar vários ramos de desporto, entre os quais avultava o ciclismo. Preparou também concorrentes às provas pedestres, enviando representantes à Corrida da Légua, da «Montanha» do Porto, e com firmeza, foi organizando o 1.º Grupo e Infantil, sob a direcção do velho jogador Couteiro. Inaugurado o novo campo em 7 de Junho de 1925, quasi no fim da época, não pôde concorrer ao Campionato Distrital. Ao abrir da época de 1925-1926, iniciou-se logo o campeonato, tendo-se inscrito as 1.ªs Categorias e o Infantil. Porém, em Janeiro de 1926, esboça-se na Imprensa local uma campanha pró-fusão do «Vitória» com o «Atlético» — certa de que um maior desenvolvimento adviria para o desporto vimaraneses. Levado o assunto para Assembleia Geral, em 8 desse mês, foram aprovadas as bases apresentadas pela Direcção, o mesmo se dando no Atlético que tinha a sua sede na rua Gravador Molarinho.

O Sport Club de Guimarães — pois era assim denominado o novo Club —, com assistência regu-

(Conclusão na página 6).



Grupo de Honra do V. S. C. que na época finda conquistou o título de Campeão Distrital



Dr. Adelino Ribeiro Jorge
Vice-Presidente do V. S. C.

PROGRAMA

Das festas comemorativas do XII Aniversário da fundação do VITÓRIA SPORT CLUB

Dia 23 de Setembro

A's 9 da manhã:

Recepção na Sede do «V. S. C.» e boas vindas aos componentes do «Atlético C. de Braga» que a esta festa vem dar o seu concurso.

A's 9 e meia da manhã:

Grandes provas de Atletismo entre o forte agrupamento bracarense e o Vitória.

80 metros — eliminatórias
300 " "
150 " "
Lançamento de Pêso (final)
1000 metros.

A's 14 horas:

80 metros — Final
Lançamento do disco — Final
Saltos à vara "
150 metros "
Saltos em altura "
300 metros "
Lançamento de dardo "
Estafeta «3x150».

A's 17 horas:

Sensacional Desafio de Futebol entre as primeiras categorias dos Club dos Galitos, de Aveiro

Vitória Sport Club
(Campeão Distrital)

para a disputa da

Taça Câmara Municipal de Guimarães

Arbitro: o conhecido árbitro internacional, sr. António Neves.

Júri de honra: Presidente da Câmara Municipal, Administrador do Concelho, Presidente da Associação de Futebol de Braga, Comandante dos Bombeiros Voluntários, Presidente da Sociedade de Defesa e Propaganda, Presidente do Atlético Club, Presidente do Vitória Sport Club, Presidente da A. Comercial e Industrial e Presidente da Com. de Iniciativa e Turismo.

ORIENTAL, é o Café onde se reúne a Sociedade Vimaranesa. Ambiente agradável, convivência distinta.

SERVIÇO DE BAR. BIBLIOTECAS. ESPLENDIDAS SALAS DE JOGOS.

Sr. Director das *Notícias de Guimarães*: — esta carta é um à margem da questão da Citânia, e provocada pelo que no último número do seu conceituado jornal, publicou o sr. Manuel de Guimarães.

Li, reli, treli a sua carta, e fiquei sem saber onde o seu signatário queria chegar.

A verdade é que eu ignoro por completo quem seja o sr. Manuel de Guimarães, de Donim, ou residente em Donim. Supunha-o vimaranense, e residente na vila, e vejo agora que não é nosso patricio e reside em Donim.

De sorte que nesta minha ignorância total de quem seja o sr. Manuel de Guimarães, confesso que não atino com aqueles preliminares da sua carta em que ele afirma estas coisas sérias:

1.º) desde que começou a colaborar nas *Notícias de Guimarães*, andava à espera de que eu o combatesse;

2.º) dizia-lhe o coração que mais dia menos dia seria atacado por mim;

3.º) que de admirar foi a demora;

4.º) que não veio para o jornal alimentar ódios, paixões e atear questões antigas ou recentes, ou provocar discórdias entre os vimaranenses.

Eu gostava de saber:

1.º) porque é que eu *havia* de combater o sr. Manuel de Guimarães?

2.º) porque é que mais dia menos dia eu *teria* de atacar o sr. Manuel de Guimarães?

3.º) porque é que já o devia ter feito há mais tempo, sendo de admirar que só agora o fizesse?

4.º) que tenho eu que ver com ódios, paixões, questões antigas ou modernas e discórdias entre vimaranenses?

Realmente há entre mim e o sr. Manuel de Guimarães uma diferença grande: o sr. Manuel de Guimarães sabe quem eu sou; eu não sei quem é o sr. Manuel de Guimarães. Para uma discussão em termos, o caso não tem importância, porque não são as nossas pessoas que estão em causa; mas para uma discussão que resvale em personalizações, isso é fundamental.

A minha boa fé e o meu desejo de discutir o caso da Citânia em si, estão mais do que provados, porque não hesitei em ir ao encontro de dois pseudónimos.

De V. . . amigo grato,

ALFREDO PIMENTA.

Citânia de Briteiros

O espírito irrequieto do sr. Dr. Alfredo Pimenta não pode aceitar a nossa ideia de fazer da Citânia um local de turismo. Quere a montanha envolta em trevas, deixando ao visitante apenas a candeia de luz trémula para com ela ir, silencioso e reverente, percorrer os caminhos tortuosos da velha cidade, arrimado ao bastião, qual eremita percorrendo o deserto.

E como bom minhoto não pode aceitar a noção da existência de um local de turismo sem o verdasco rascante e as comezainas pantagruélicas.

E' um modo de ver as coisas, é uma opinião individual que não interessa à colectividade. Sua excelência pensa assim e o pensamento é livre; nem a nós importa o caso.

Não pretendemos já agora acorrentar o talentoso escritor à nossa maneira de ver, assim como não nos seduzem as suas teorias.

O sr. Dr. Alfredo Pimenta, arvorado em mestre, e bem poderá sê-lo pela sua fulgurante inteligência e pelo seu grande saber, lembrou-se de submeter-nos a um interrogatório, mas nós já estamos velhos para examinados.

As suas perguntas porém são uma bizantinice de colegial em férias, que, à falta de entretenimento constante, recorre a todos os meios que a sua imaginação lhe sugere para amenizar o tempo.

E se assim não fôra, sua excelência havia de observar que no recinto da Citânia de Briteiros há amontoados de pedras e terra cobrindo as ruínas, e quem sabe quantos monumentos, em grande extensão e levantaria a sua voz, com gesto imperioso, reclamando a sua remoção, para que os restos da vasta casaria surgissem em toda a sua amplitude. E talvez até achasse bem que esses pedregulhos desnecessários à majestade das ruínas e para os quais não seria fácil tarefa encontrar o assento primitivo, podiam ser utilizados na vedação do recinto da arqueológica cidade.

E se assim não fôra, sua excelência, viajando embora em luxuoso e confortável automóvel, havia de sentir desfalecer-lhe o ânimo para a escalada da montanha, além da estrada, olhando para todos os lados e buscando, em vão, a verdade que não fosse um denso tapete de incómoda poeira.

E desejaria também encontrar os necessários elementos que mostrassem ao seu intelecto indicações científicas para o estudo a que ia proceder, orientação para a visita que ia realizar.

E se, como é natural, humanamente admissível, a sua alma de artista lhe exigisse uma longa permanência, para assimilar factos de seguras conclusões, o seu físico, afeito à comodidade, havia de protestar contra as arremetidas atmosféricas, para as quais não encontra a menor defesa. Parecer-lhe-ia, em suma, que o passeio à Citânia não peca por excesso de comodidade e conforto.

E se assim não fôra, sua excelência, erguendo-se altaneiro ao lado do seu funéreo monumento, sentindo o dardejar do sol ardente que na sua caminhada de cada dia vai cruzando o lindo firmamento de um encantador azul vivo; contemplando a maravilhosa paisagem que o poético Ave beija docemente; havia de sentir a tristeza invadir-lhe a alma, mirando o aspecto duro da montanha despida e descurada.

E com a mão na consciência, não podendo calar o grito do seu espírito bairrista que lhe segredava a necessidade de tornar mais atraente a visita à montanha, mais apetecível a apreciação daquelas admiráveis ruínas, reconheceria que o abandono em que se encontra o que nós justamente apregoamos uma das nossas maravilhas não nos acredita perante os visitantes como cultores da beleza. E prestar culto à beleza também é fazer turismo.

Isto é que é a verdade, por mais que isso pese ao sr. Dr. Alfredo Pimenta, que, se baixar um pouco das alturas olímpicas onde paira permanentemente o seu espírito de artista, terá encontrado nestas considerações e no que anteriormente dissemos a resposta às suas arditas perguntas.

E para ponto final da questão, porque ela parece já enveredar pelo caminho da crítica mordaz, de censura incisiva, que estão inteiramente fora dos nossos intuitos, voltamos a afirmar que a Citânia de Briteiros deve ser um lugar, um privilegiado lugar de turismo.

Para isso há lá muito que fazer, sem profanar as ruínas da velha cidade, sem comprometer a sua arqueologia, sem lá realizar comezainas, bacanaís, folguedos profanos e impróprios do lugar.

Iso não se consegue, evidentemente, com réplicas e trélicas jornalísticas, com discussões estereis e inúteis, com frases irónicas e críticas mordentes.

Realiza-se pela tradução das ideias em factos, pela execução de um projecto feito por quem de direito, com talento, com arte, com engenho e ciência, no qual todos os bons vimaranenses devem colaborar, num esforço leal, na medida das suas possibilidades, sem intuitos de ostentação balôfa, de vaidade ou orgulho ou presunção.

A. F.

P E N H A

Há tempos, depois de uma ausência de largos anos, um vimaranense, que passava por Guimarães, quis ir à Penha onde o atraíam recordações tristes de alegrias que nunca mais voltam. Deu de cara com uma chapa que lhe proibia o acesso da montanha pela estrada que ele vira construir com o especial carinho de quem muito ama a sua terra e a convicção de que ela serviria, como desde há tanto o reclamavam os amigos da Penha, para que toda a gente pudesse por ela livremente transitar até ao cimo da montanha. Aborrecido, voltou para traz, desistiu da intenção em que vinha; e a sua sensibilidade, porventura exacerbada por qualquer comoção, avolumou-lhe o contraste com que por terras estranhas todos se esmeram em proporcionar aos excursionistas facilidades e confortos.

Na verdade, quantos que passam por Guimarães não desistirão de subir à Penha pelo facto de para isso os obrigarem a ir primeiro a Belos Ares e seguir, depois, pela estrada dos Seródios?

Justamente porque esta estrada não era cómoda, nem facilmente acessível, é que, há já cerca de 50 anos, se fazia uma campanha entusiástica pela construção da estrada Costa à Penha e na boca de todos os bons vimaranenses e amigos da montanha havia permanente a frase «A Penha pela Costa!»

Pois, ao cabo de muitos anos de ansiedade, constrói-se a estrada, sabe-se lá à custa de quantos esforços e dedicação, e para quê? Para se proibir que por ela se vá à Penha! E' absurdo, mas é verdadeiro. Lá está; lá se lê nas tais chapas. Por ela só se pode descer; subir não!

Se tão aberrante contrasenso pudesse passar pela ideia de quantos contribuíram para que a estrada se construísse, se eles pudessem adivinhar que ela só serviria para descer, com certeza teriam preferido para isso o caminho velho, a fêsto, e não se teria gasto, inutilmente, o dinheiro que a estrada custou ao município. Para descer não era preciso o luxo de tal estrada.

Dir-se-á que a proibição da subida tem por fim evitar possíveis embates de automóveis que descem com outros que subam. Mas esse risco é inerente a todos os veículos dessa natureza, com ele já se conta e deve contar-se, quando se entra

Ferros Curtos

A Gratidão dum Amigo

Lá anda na árdua missão

O Jerónimo Sampaio,

Com o coração na mão:

— Amigos: auxiliai-o,

Na justa subscrição.

Munido dum mealheiro

E, num combóio sem rodas,

Sem carvão, sem passageiro,

Vai batendo às portas todas,

Em busca de algum dinheiro.

E sem ninguém que o detenha,

A toda a velocidade,

Na função que desempenha,

Percorre a nobre cidade,

De olhos pregados na Penha.

Como Jau pede sem susto.

Fiquem as dívidas saldas

Que, apesar de muito custo,

Há-de conseguir o busto

Do Poeta Bráulio Caldas.

Fiel amigo, dum só crédo,

Alma nervosa, inquieta,

Aceita qualquer colecta,

P'ra colocar, num penedo,

O medalhão do Poeta.

Perante o Ideal que tens

— Patricios: elogiái-o!

Meus sinceros parabéns

A' vetusta Guimarães

E ao Jerónimo Sampaio!

BANDARILHEIRO.

Espinhos e acúleos

I

“Razão?... quem há aí que a tenha?”

Limpa de toda a maldade?

Sobre uma pilha de lenha

Kuss a queimou p'la verdade.

II

“Antes quebrar que torcer”,

Nem toda a gente o compreende;

— Quanta falência há-de haver

Em lucro do que não rende.

III

O beijo que me pediste

Minhas falas tornou mudas:

— Andas agora tão triste

Por recebê-lo dum Judas!

IV

A vida tem um destino

De cantar e de sofrer . . .

— Eu disse-o, por desatino,

E logo o quiz perceber.

V

— “Devagar que tenho pressa” —

Olha a corrida que tens;

Quem de mal se enfraqueça

Devagar perde seus bens.

VI

O dinheiro em quem o tem

Traz ganância e maldade;

Só viveu um Pedro Sem

Que foi rico de bondade.

VII

Do meu fim faço questão

Por este único sentido:

Prefiro um Jacques Clement

Ao tal “fruto proibido”.

L. COELHO.

Brito Camacho

Desapareceu do número dos vivos essa figura de incontestável valor no nosso meio político e intelectual, que se chamava Brito Camacho.

Com o homem, cujas ossadas repousam já na paz dum túmulo do cemitério de Aljustrel, desaparece um vulto prestigioso da República que ajudara a fundar, e um espírito cintilante de escritor eminente e grande Democrata.

O país sentiu a sua morte, tal a simpatia que Brito Camacho havia conquistado através das suas acções de Português honesto, e dos seus escritos inteligentes e ponderados.

Que descanse em paz.

para um carro; não se fazem estradas em duplicado, de propósito para o evitar; alargam-se as curvas mais difíceis e isso já, louvável e amplamente, se fez em toda a estrada da Penha; colocam-se placas de aviso em todos os pontos perigosos, lembrando aos condutores o seu dever e isso, que é tão fácil, barato e vulgar, é que ainda não está feito, mas depressa se pôde realizar.

A estrada da Penha é melhor e menos perigosa do que muitas outras a que todos procuram chamar concorrência em vez de afastá-la. A estrada de Sintra à Pena tem cem vezes mais movimento que a da Penha e os carros circulam lá livremente para cima e para baixo; o mesmo acontece em Santa Luzia, para não citar senão o nosso país e estâncias semelhantes à da Penha, de todos bem conhecidas.

Mas o risco de embate de carros não diminuiu com a extravagante proibição. Pelo contrário, aumentou, e muito. A estrada não serve só a Penha; serve a Costa, serve todos os proprietários que a marginam; e seria tirania de que não são capazes as autoridades competentes, obrigá-los a dar a volta por Belos Ares, Seródios e Penha para seguirem para suas casas. Destas, a que está mais próxima da Penha e, portanto, a menos prejudicada, dista da cidade muito pouco mais de 5 kilómetros; se tiver de se seguir por Belos Ares para atingi-la, terá de se percorrer 10 kilómetros, o dobro da distância! A diferença torna-se ainda maior para todas as que estejam mais próximas da cidade. E' natural, portanto, que na proibição da subida, se abra uma excepção para o serviço das propriedades por onde a estrada passa e de facto assim acontece. O resultado é que, descendo os carros, que veem da Penha, despreocupadamente, fóra de mão e a toda a velocidade, fiados em que a estrada só serve para descer, sem se lembrarem nem sabem que pôde haver carros que subam, o risco é enorme e iminente! Tal perigo seria nulo se o trânsito em ambos os sentidos fosse livre, porque os condutores tomariam necessariamente todas as cautelas usuais em estrada do género da de que se trata.

Uma só excepção seria admissível que se abrisse para o livre trânsito, nos dias de romaria, em que o movimento fosse grande. Porém dá-se precisamente o contrário; no dia e às horas de maior movimento de excursionistas para a Penha, que é o da peregrinação de setembro, o trânsito é livre nos dois sentidos! E' de pasmar!

A estrada da Penha é uma artéria para a qual o interesse da própria cidade impõe que se conjuguem todos os esforços no sentido de a embelezar, de facilitar as construções no seu percurso, de lhe atrair a maior concorrência de forasteiros. Se alguma coisa se devesse proibir, que não deve, seria, bem diferentemente do que se faz, a da descida pela estrada dos Seródios, para obrigar os que por ela subissem a passar pela cidade; mas isso representaria uma dificuldade a contrariar o principio de que aos visitantes da Penha só facilidades se devem conceder. Não é da competência dos amigos da Penha prevenir riscos ou zelar interesses de companhias de seguros; incumbe-lhes apenas o dever de aformozar a estância e oferecer comodidades aos excursionistas, evitando contrariá-los.

Defendamos a Penha; já dela se quiz fazer estância da morte, dos moribundos que a ciência impotente abandona, como, agora, parece que se quer fazer da Citânia de Briteiros estância de prazeres mundanos; não lhe tiremos a estrada sob pretexto de que pôde alguém esbarrar-se e, deixando a Citânia à ciência, proclamemos que na Penha que Guimarães tem o seu ponto culminante de formidável grandeza panorâmica, onde a natureza caprichou em aglomerar prodígios de magestosa beleza, lugar soberbo e imponente para todas as alegrias, para todas as diversões, as mais ruidosas como as mais recolhidas.

M. F.

Animula vagula, blandula...

(Notas e Cartas de um Médico da Província)

(12)

Se me visse ao espelho, neste instante. . . Frio, pálido, o sorriso amargo do entupimento irónico a gretar-me a boca. E' sempre assim, quando nos surpreendem, a nós médicos, em correrias metafísicas pelas defesas regiões do inconsciente e do além. Que magnífico romance não daria. . . A discórdia da educação religiosa na puberdade com a materialista na escola; a antinomia entre a inteligência a vigorizar-se no adolescente, sob a disciplina da miúda análise dos factos concretos, a encarar da realidade humana os aspectos mais claros e sinistros, que são as doenças do homem, e o fundo mole e poderoso de todos os resíduos hereditários, reforescidos e aumentados na crise sentimental da mocidade, antinomia ainda mais violenta pelo contraste; o duelo do anatomista com a irrequieta ânsia do espírito para o infinito; a. . . a amoldagem do carácter — licet? — às hipocrisias, às taras, ao penitenciarismo automatismo e às convenções agrilhetantes do meio — a cidadezinha pacata, a larga capital, o burgote ordinário — donde hemos de arrancar, em luta contra a morte, peleja também de vida ou de morte, nosso pão de cada dia nos dai hoje, e procurarmos adquirir, firmar, engrandecer nosso nome — *si puo?* —, nosso crédito, o respeito e a consideração. . . que magnífico e interessantíssimo romance não daria, se houvessemos a coragem de o escrever, com escrevermos confessadamente nossas memórias!

O médico e a alma! Sentado à varanda sobre o quintal, encolhido, sózinho, às escuras na casa deserta (a família e as criadas foram para a noite do S. João), eu era aquela hora, como o escravo do Agamemnon esquiliano, «a sombra errante da velhice». Mas o luar despontara, o luar enternecido e romântico das poesias mças, pela noite das canções de amor. E meus olhos quebrados de fadiga e de tristeza, tam cheios de ver subir a morte ao coração, desprenderam-se e alongaram-se de mim. Seguiram a esteira branca do luar, e transviaram-se para a luz das estrelas. Já me desabiturara de contemplar o céu. Tinha-o como o sempre mesmo cenário de veludo negro, picado de luzinhas inquietas. Meus olhos encontravam-no mais vasto e vago, oceano de infinito, com estrelas que de há muito não viam, conhecidas outrora e íntimas confidentes, ao depois esquecidas ou perdidas, e, revolvidas agora nas suas facetações diamantinas, loiros esplendores cariciosos; gotas de sangue virgem, sorrisos esmaecidos de amante, scintillas de violeta, nos reconhecem e falam das horas que passaram, das noites em que elas eram promessas de esperança, imagens de sonho, contos de oiro no rosário sem fim de nossos beijos. Andavam meus olhos pelo céu fora, viajeiros da eternidade, e outras estrelas lhes nasciam e os mudavam. Mais lépida, gnómica, saltava-lhes uma à frente, de luz bailada, a servil-lhes de guia, chama sinuosa, flama tentadora, pequenina pérola de ideal errante. Deixava-os parar os momentos da contemplação, e logo surgia a encaminhá-los e os induzia a acompanharem-na. O céu estava sereno como o mar de calmária, sereno e largo, na espuma florida e argentea: assim os foi levando até à margem de um rio, manso rio de águas soluçosas, onde meus olhos foram encontrar, entre os salgueiros e choupos da margem, na carícia da sombra esverdeada no luar, embrulhando-se na capa de estudante, a minha alma dos dezóito anos. A minha perda alma dos dezóito anos. . . A noite arquejava, como ferido de amor o coração. Na carícia do ar, leveiro e puro, ardiam trovas de namorados e sirandavam côres. «O' virgens que passais ao sol poente. . . pelas estradas ermas a cantar. . .» Faúlhas de oiro e sangue chispavam das fogueiras, borboleteando na cadência do bailado. Não era o S. João estrelante e gaiteiro, apoplética alegria esforçada, onda turva de prazer, que subiu como o vinho à cabeça, mas dolente harmonia acariciadora, quando a esperança se vela de saúde. E só então meus olhos viram a danada alma dos dezóito anos, enlaçada a um corpo de mulher! Quem seria, qual o seu nome? Talvez apenas o amor dos estudantes, o amor dos dezóito anos. Suas bocas sorriam-se e devoravam-se aos beijos. — «Deixa passar a noite, deixa passar a vida. Amanhã seremos outros, tu — uma mulher, a dona da casa, a perfeita esposa, a mãe de filhos. E eu. . . Que serei eu, amanhã? Tudo o mais é mentira. De toda a nossa vida, a única verdade é esta hora. A tua pele é doce e fina como a carícia de um desejo. Encosta ao meu peito os teus pequeninos seios arfantes e duros. E' esta hora de verdadeiro amor. Tu levas, sem saberes e sem eu dar por ela, toda a força de paixão, que pode haver na minha alma, e dá-me a frescura, que não mais voltará, dos voluptuosos appetites nos primeiros enlaços namorados. Cabe a eternidade, a eternidade mistério, neste rápido seguindo passageiro, imenso e profundo, em que unes o teu beijo no meu beijo. Esgotamos o infinito, que há na transitória vida humana. Amanhã, já não és o amor e a poesia, este magnífico desvairo, em que toda tu és toda minha, sem passado e sem olhar ao futuro: és apenas a mulher — o equilíbrio do sentimento na delicada estatutária da forma. E eu. . . Que serei eu, amanhã? Sombras mortas, sombras mortas, ó meu amor! Noite de S. João. Bailemos e cantemos, no abraço dos corpos, no abraço das vozes. A tua voz é harmoniosa como o teu olhar — nunca mais poderei esquecer-te, a voz e o olhar. Nunca mais! E' o único amor que vive, é este amor que viveu uma hora. Não voltaremos a encontrar-nos. E é melhor. . . Seremos assim, um para o outro, sempre novos e puros, puros de beleza moral, como somos, agora, aqui abraçados, beijando-nos as bocas, beijando-nos os olhos. Já-mais nos encontraremos, e havemos de ver-nos muitas vezes, todas as noites de S. João, ao luar da saúde, noutros braços, talvez, que nos não abraçam, noutros beijos que nos não beijam. Dissipamos todo o amor nesta loucura. Ardeu nas fogueiras, desfolhou-se nos cravos, morreu quando as trovas se calam de cansadas. Não importa. Não estremeceu ainda pela noite a luz rósea e fria da alvorada. E quando vier, deixamo-nos adormecer nós os dois, muito juntos. . . e será noite ainda. O verdadeiro amor é feito de hesitação e de sonho. Temos diante de nós o futuro, a vida, anos e mais anos. Outros homens, outras mulheres, à escolha. E não tornaremos a sentir este amor, o amor intenso, pleno, o amor verdadeiro e único. Não. E' a conveniência, a necessidade, o interesse. Premeditação ou acaso. Deve ser tudo, mas não será assim. Se lá chegar, quando eu tiver cinquenta anos, prometo e juro — o só juramento de amor cumprido — aparecer-te. . . na

(Conclusão na página 5).

COISAS & LOISAS

O DESPERTARI...

Aquelas propostas que o digno vereador da C. A. do Município — sr. A. L. de Carvalho, apresentou em uma das últimas sessões, sobre: *Escolas do Coração de Jesus, Edifícios escolares, Postos de Ensino e Cursos nocturnos*, devem ser o início da solução a dar ao problema da Instrução popular na cidade e Concelho de Guimarães. E', indubitavelmente, louvável a acção de sua ex.ª em prol da Instrução, pois torna-se necessário que o nosso País não continue a ser considerado um País de analfabetos. Para debelar esta crise, torna-se indispensável o concurso dos Municípios, atendendo a que a protecção do Estado ainda não é o suficiente para resolver este importante problema, pelo menos de momento. Além disso, compete, também, aos Municípios cuidar d'êles com dedicação e carinho, tal é a alta importância que tem a Instrução, sem a qual não se pode conseguir enveredar pelo caminho do Progresso. Continue, pois, sua ex.ª a interessar-se por esta Causa e continue os seus illustres colegas a prestar-lhe todo o auxílio, que todos deixaremos de ter ilusões sobre a extinção do analfabetismo, em Guimarães, flagelo *malitudo* e, ao mesmo tempo, deprimente.

Folgo com a aprovação das referidas propostas e oxalá não seja esquecido, igualmente, o subsídio de renda de casa aos Professores primários, que é, actualmente, de 50\$000 — cinquenta escudos! — *anuais* para os da cidade e 25\$000 — vinte e cinco escudos! — para os das aldeias. Muitas são as Câmaras que já actualizaram, mais ou menos, este subsídio, mas sem restrições, que não estão previstas na Lei que o estabelece. E' preciso notar-se, quanto a isto, que não é justo criar excepções. Cada qual sabe de si e Deus sabe de todos!

COMO SE TIRAM NÓDOAS...

São vários os ingredientes conhecidos e aconselhados para fazerem desaparecer as nódoas. Alguns há, porém, que não dão o resultado desejado, embora aplicados com todo o cuidado e conforme as instruções indicadas. Hoje, aquele que possui as propriedades mais eficazes, aquele que lava tudo, aquele que tira todas as nódoas, seja qual for a sua proveniência, aquele que é capaz de modificar as próprias qualidades de carácter e de fazer uma limpeza radical na dignidade de certas pessoas, aquele, enfim, que tira todas as nódoas, possíveis e imaginárias, é o *ouro*, sinónimo de *dinheiro*. O ouro, esse metal tão precioso — e tam *milagroso* para determinadas criaturas — lava tudo, fazendo desaparecer todas as manchas, até mesmo aquelas que afectam a consciência, a dignidade e os sentimentos. E se isto pode parecer uma novidade ou um absurdo para alguém, vejamos, por exemplo, o que — salvo as devidas excepções — se passa com o Casamento! Na actualidade, o casamento não corresponde àquela união amigável e desinteressada que há de constituir a felicidade de um lar. Pelo contrário, o casamento está transformado numa aspiração de interesses, que é o mesmo que se dizer numa transacção de *lucros* certos e garantidos, em que *ambas as partes* concordam, fazendo preceder o acto de um documento autêntico, a fim de legalizar o *contracto*. As boas qualidades, o sentimento do Amor e a esperança de um futuro feliz, estão em plano secundário. Depois de estabelecidas as condições do *negócio* e de combinado o montante da importância com que cada um dos interessados há de contribuir para êle, realiza-se a outra parte, aquela que todos conhecem, e que é a única diferença que o *contracto* do casamento faz de qualquer outro — o da passagem de uma casa comercial, o da compra de uma *junta de bois*, etc., etc. E aqui está a explicação — embora muito ligeira — de que só o ouro tem as propriedades de tirar todas as nódoas. Tudo gira à volta d'êles, mais ou menos, sendo certo que há, como já disse, excepções, que são todas aquelas em que se verifica a realização do casamento como êle, de facto, deve ser, alheio a quaisquer interesses materiais.

* * *

A título de confirmação de algumas das minhas afirmações, aconselho aos prezados leitores do «Notícias» a seguinte narração:

Duplo e original rapto

AFIFE — Recentemente deu-se aqui um duplo rapto em circunstâncias picarescas.

António Dias, por alcunha «O antigo», da freguesia de Vile, concelho de

Gaminha, de cumplicidade, segundo consta, com António Silva «O crocodilo», residentes nesta localidade, raptaram há cerca de 15 dias, Tancredo Rodrigues Martins, solteiro, de 30 anos de idade, natural daqui, um pobre diabo, imbecil e possuidor de meia dúzia de propriedades rústicas, levando-o para a freguesia de Vile e conservando-o sequestrado, em casa do «Antigo», até que na passada terça-feira, apareceu aqui já casado, no posto do registo civil da Vila Praia de Ancora, com uma filha do António Dias, de nome Auróra Dias da Costa, divorciada e com 5 filhos.

Com a presença aqui do «Antigo» e respectiva família, cerca de três centenas de populares, fizeram-lhes uma manifestação de desgosto e raptaram o noivo, o qual entregaram a sua família, mas o pobre homem, talvez lembrando-se das caricias da noiva, fugiu na noite de 4 para 5, para o seu novo lar.

O «Antigo» e sua filha Auróra, em virtude da manifestação recebida e de lhe terem raptado o seu «querido» genro e marido, queixaram-se à policia do ocorrido e por sua vez a família do noivo, emprega todos os meios e já fez a respectiva queixa junto das autoridades, para anularem o casamento, dentro dos 10 dias que a lei marca, chamando à responsabilidade, as pessoas que tiveram interferência neste picaresco casamento. Diz-se que para iludirem o noivo, mostraram-lhe antes, como é voz corrente, uma rapariga, sobrinha da noiva, com a qual, diziam, êle casaria; mas no acto solene substituíram-na pela Auróra, «donzela» divorciada e com 5 filhos, que *andava à caça dos bens* do «Quinha», como popularmente, o noivo provisório é aqui conhecido.

A MESMA ORDEM DO DIA

Quem ler as correspondências de várias terras para os jornais, vê que há factos que constituem, inalteravelmente, assunto do dia.

Por exemplo: Em tal parte, envolveram-se em *desordem fulano e beltrano* ou fulanos e beltranos, ficando uns feridos com tiros, outros com facadas, alguns em estado grave. Se bem que estas notícias sejam de todos os tempos, agora, mais do que nunca, elas são mais frequentes. Isto prova que a sociedade actual é constituída, em parte, por elementos desorganizados e de maus instintos, mais perigosos do que os animais selvagens, porque destes já todos sabem que se devem acautelar. Desconhecendo os motivos de semelhante decadência dos sentimentos humanos, não desconheço, todavia, que uma grande parte destes casos se deve à falta de providências, sobretudo nas aldeias, onde os representantes da autoridade nada fazem nem de nada quem saber, deixando correr tudo à vontade de cada um. São os regedores aqueles a quem me quero referir, alguns dos quais não têm competência nem prestígio para exercerem tal cargo. Alguns há que o são por uma questão de vaidade ou por simples caprichos, sendo-lhes completamente indiferente a manutenção da ordem e outros deveres inerentes ao lugar que desempenham. Compete, pois, às Autoridades superiores fazer-se rodear de colaboradores de reconhecida idoneidade, com a autoridade precisa — sob todos os pontos de vista — para pôrem còbro a um certo número de abusos. Dêste modo, evitar-se-ão muitos desacatos e a faca e a pistola deixarão de entrar, constantemente, em acção. Se assim não for, mais vale extinguir esta representação da Autoridade, visto não oferecer nenhuma garantia a quem é pela ordem e contra a desordem.

A VER VAMOS

O digno correspondente de Guimarães para o «Correio do Minho» vem anunciando, nas suas apreciadas correspondências, uma série de importantes melhoramentos a levar a efeito pela actual C. A. do Município de Guimarães. Não tenho o direito de duvidar de tais afirmações, nem mesmo me merece esse conceito o seu autor, em quem tenho reconhecido independência nas suas apreciações, qualidade digna da minha admiração, mas duvido que esta sorte esteja destinada aos vimaranenses, tal é a *galinha agourenta* com que tem andado esta terra. Creio nas boas intenções das pessoas que estão na referida C. A. e creio, também, na melhor vontade que possam ter de bem servir os interesses da cidade e concelho, mas a sorte será a mesma que tem havido até hoje, se para os melhoramentos de maior vulto faltar a *resolução formal* de instar, com toda a persistência, junto de quem de direito, pela vida e pelo progresso de Guimarães. De resto, a *prova* está tirada e a *operação* dá certa.

Vejam-se o que se tem passado com o caso do Liceu, o da Unidade Militar, etc.

Pipl.

Esquema semanal

Aut Caesar aut nihil

Hitler, não satisfeito com a qualidade proeminente de *Reich-führer*, tenta ir mais longe na sua mania de ambicioso completo: — *ser Pápa!*

Pois é verdade. Feita a tramóia com o bispo do *Reich*, dr. Muller, em sua cegueira não olha a meios para fazer da igreja um instrumento do Estado e vá de perseguir aqueles preiados que não navegam em suas águas, exautorando-os perante os fiéis, amarrado à ideia de se ver eleito *Pápa* do protestantismo, qual perdigueiro à face de caça.

Ser Pápa! Eis a nova aspiração do ex-pintor de taboletas, eis o produto das suas locubrações charlotescas!

Havia de ter graça o ver-se Hitler de tiara e com aquele bigode tão ratão — cantando uma pontifical à paz armada e abençoando *urbi et orbi* os fiéis do nazismo...

Ele sempre aparece cada doido! Nem ao Diabo lembraria tal estultícia.

Manual de cortezia

Informam as gazetas que em Bruxelas foi fundada uma «Liga pela Cortezia» e que brevemente editará o respectivo manual.

A ser verdadeira a informação, promos às Câmaras e Juntas de Freguesia dêste «Jardim à beira mar plantado» que façam imediata aquisição de tão valioso manual, dadas as *primorosas* qualidades da nossa santa gente e os *requintes de boa educação* em que é useira e vezeira.

Talvez se lucre em beber tais conhecimentos.

Pela Suécia

Os telegramas do dia 16 dão nota dos resultados das eleições realizadas na Suécia, anunciando a vitória do cartel dos Partidos Social-Democrata e Socialista, não sem que conglome o receio dos meios burgueses perante a maioria alcançada pelas esquerdas nos «landstings» — o que lhes dará minoria na Primeira Câmara.

A avaliar o que se passa naquela monarquia nórdica, muito terão que aprender os burgueses tripudiando de quem os auxilia em conseguir o «ganhuço».

Na S. D. N.

O conspícuo «Comércio do Pôrto» do dia 18, em notícias da última hora, relatava a inauguração dos trabalhos da Comissão Política da Sociedade das Nações e publicou na íntegra o discurso do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, pronunciado para expor das razões pelas quais Portugal não votou o ingresso da Rússia naquêlo alto organismo internacional.

Citava de seguida as palavras proferidas pelos delegados da Suíça, Argentina e Holanda, que, em resposta, ouviram de Barthou o seguinte: «E' com o pacto na mão, com o pacto que constituíu os primeiros alicerces da S. D. N. que eu subo à tribuna. E' o meu guia, o meu testemunha, a minha garantia. Ouvi com emoção o discurso de Mota. Agradeço-lhe por ter exposto o seu ponto de vista com a sua independência e a sua autoridade moral. Declarou que queria fa-

lar com franqueza. Qual a razão porque a linguagem de Mota não é adoptada por todos? Respondo além disso à acusação lançada contra três países, entre os quais o meu».

Depois, apreciando as considerações dos delegados oposicionistas, terminou: «Se rejeitais a Rússia, sereis os responsáveis pelos acontecimentos graves que não quero prever. Considero a admissão da U. R. S. S. necessária ao interesse da paz na Europa e no mundo».

Feito o apêlo nominal, deu três «nãos», sete abstenções e 38 votos a favor — o que admitiu a Rússia no Conselho da S. D. N.

Litvinoff

Causou profunda emoção a maneira pacifista como Litvinoff, delegado da U. R. S. S., discursou no areópago da S. D. N.

E' sempre assim: vende-se o vinho numa casa e põe-se o ramo na porta da outra.

Apreensão de Armamento

Aquilo por Espanha vai confuso. Apesar dos esforços do ministro Salazar Alonso, não há buraco que se descubra que não esteja cheio de armamento. Desta vez, também caíram na ratoeira 4 portugueses, Drs. Moura Pinto, Afonso de Castro, Jaime de Moraes e Jaime Cortezão, que haviam entabulado negociações com os espanhóis de evidência.

Do resultado das investigações, ainda nada consta.

O que é certo, é que o *hermano* Salazar tem lume no olho e consegue ver através dos corpos opacos.

E' bem verdade: «quem brinca com o fogo, queima-se».

Lêfêcê.

Dos Livros. Dos Jornais.

«Correio Elvense»

Este nosso distinto colega, que se publica semanalmente, em Elvas, completou mais um ano de existência, tendo editado, por tal acontecimento, um número especial.

Diz-nos, em fundo, que «Ao completar mais um aniversário, o «Correio Elvense» deu balanço à sua existência e encontrou um saldo de optimismo que chega e sobeja para o equilíbrio da sua honesta publicação».

Folgamos com tam grata notícia e cumprimentando todos os orientadores e colaboradores do «Correio Elvense», fazemos votos pelas suas prosperidades.

Ação Colonial

Profusamente ilustrada, em papel especial e com uma capa felicíssima de Pinto de Magalhães, recebemos um exemplar desta revista que — podemos afirmar — foi, até hoje, a melhor publicação apresentada na Exposição Colonial, no Pôrto.

Agradecemos a gentileza da oferta que muito nos sensibilizou.

COMPRANDO NA NOSSA CASA COMPRA

BOM E BARATO

Camisaria Martins CASA-DAS-MEIAS

DIVORCIADOS!

Não sabemos se Guimarães tem, presentemente, o seu delegado à Junta Geral do Distrito; mas soubemos, há pouco tempo, que durante um ano, esteve sem o auxílio d'esse agente de ligação tam necessário — e até indispensável — ao desenvolvimento do seu progresso. Isto é fantásticamente incompreensível. Como querem — os que querem — que Guimarães saia do entorpecimento vexante em que se encontra se andam divorciados do organismo que tem por missão estudar, ponderar e resolver, em conjunto, todos os variadíssimos problemas do distrito? Quem há-de advogar perante a J. G. do D. os interesses e as reclamações de Guimarães? Legalmente só o seu delegado o poderia fazer mas, como o não teve durante um longo ano, certamente, por sua culpa, só lhe resta sofrer, como tem sofrido e continuará a sofrer, se não emendar a mão, as consequências funestas e vexantes do abandono a que tem sido votada. Há fenómenos de tam alta transcendência que só em Guimarães têm explicação; noutras terras seriam impossíveis. Que tristeza esta a de mostrar à J. G. do D. que os vimaranenses andam tam desavindos e irreconciliáveis que não conseguem acordar na escolha, nomeação ou eleição, dum delegado junto daquele organismo? Quere dizer: enquanto os delegados dos restantes concelhos iam obtendo da J. G. do D. o que era possível, no tocante a melhoramentos vários, Guimarães, mercê exclusiva da incúria dos seus filhos, divorciada daquele organismo central, ficava completamente desamparada e à mercê dos vais-vens da sorte que, neste caso, é o mais completo azar. Não é alimentando ódios concentrados, nem dando largas a ruins paixões, que os vimaranenses readquirirão o lugar de destaque que a sua terra já teve.

Não é divorciando-se dos organismos hierárquicos nem, mesmo, da opinião pública, que conseguirão modificar a atmosfera de indisciplina moral e mental que os cerca e asfixia. E' necessário, indispensável e urgente arripiar caminho para facilitar o trabalho a alguém que, à força de persistência e vontade, meta hombros à sagrada empresa de sustentar a derrocada que se avizinha e nos pode estatelar mais, ainda, do que já estamos, perante os concelhos vizinhos e, especialmente, os do distrito. Mas, se a teimosia crassa e ignara a isso se não presta, ao menos, não lhe embarguem o passo nem lhe dificultem os movimentos; na impossibilidade de prestarem outro serviço, de maior relevo, à sua terra, conservem-se no nutismo concernente à sua inteligência... porque, dos fracos, não reza a história.

JOÃO DAS TAIPAS.

Visado pela Comissão de Censura.

Venda de Quintas

No dia 7 de Outubro próximo, pelas 12 horas, na Secretaria da Misericórdia da Vila de Felgueiras, são vendidas em hasta pública as quintas da Alvura e de Penas, com casas de habitação, e diversas propriedades, tudo situado na freguesia de Regilde, e a quinta da Vinha, e umas azenhas, na freguesia de Vilafria, do concelho de Felgueiras.

VINHOS DO PORTO da antiga Casa JOÃO EDUARDO DOS SANTOS

Marquês de Pombal Duque

Lágrima Cristi Medalhas e Sol

Os melhores do mercado, encontram-se à venda na antiga Casa Patrício de

José Fernandes Martins
Toural, 35.

PRODUTOS TOKALON

Pó de arroz, cremes e rouge — na

Casa das Gravatas

Camisas — Gravatas

O melhor sortido. Os melhores preços.

Camisaria Martins.

LEIA ISTO!

Realizar os seguros na importante **Companhia de Seguros «Commercio e Industria»** é ter a noção da economia e da previdência.

Torne conhecida a **«Commercio e Industria»** dos seus amigos e parentes.

Chame J. Bastos Monteiro
«Café Oriental» — Guimarães.

Delegação no Pôrto: boios, 92.

Fazendas Brancas e Miudezas

a Casa Salgado

reflecte-se em todos os lares e interessa grandemente.

Som sortido.
Preços mínimos.
Bónus mensais.

Casa das Gravatas

apresenta

Brevemente um colossal sortido de malhas para a próxima estação.

As últimas criações!
Os melhores preços!

Casas que

recomendamos:

Joias de Valor

Lindas prendas

Objectos de Arte

JOALHARIA DE:

Manuel Simões Sobral

TOURAL.

A IMPERIAL

(Antiga Casa Rebelo)

COMPLETO sortido

em

Miudezas, Medas,
Novidades, Malhas

Perfumarias.

TOURAL, 117

Fábrica de Cortumes

DE

José Torcato Ribeiro Junior

Rua de Couros

Telefone 131

Guimarães.

NÃO comprem mó-
bília sem visitar a
exposição da Casa
Alberto Pimenta
Machado, e con-
sultar seus preços.

Rua de Gil Vicente

(Antiga Casa Neves & C., L.^{da})

Empresa Auto-Recoveira Vimaranesa

com Camionetes de aluguer

para transporte de mercadorias

Especializada em mudanças

Rua 31 de Janeiro, 115

TELEFONE, 217

GUIMARÃIS

O melhor Café é o de A BRAZILEIRA

Fábrica de Tecidos da Rua da Liberdade

DE

ANTÓNIO DE SOUSA

TELEFONE 145

Rua da Liberdade — GUIMARÃIS

João Mendes Fernandes

Telefone 1181

PADARIA DAS TRINAS

Cereais, Farinhas e Semeas

21, Rua 5 de Outubro, 23 — GUIMARÃIS

Assim como o «Vitória» é o
melhor Club do Minho, a
PASTELARIA VITÓRIA

é a melhor da Província.

Fábrica de Pentes do RIBEIRINHO

Fornecedora dos principais Armazéns Exportadores

Pentes, Travessas, Ganchos, Calçadeiras, e Agulhas para Lã

(CASA FUNDADA EM 1908)

Telefone 128

GUIMARÃIS

O Futuro não assusta ninguém.

Inscrevendo-se sócio do

Montepio "A Reforma,"

com sede na Rua Alexandre Braga, n.º 114 — PORTO

assegura o seu futuro e o dos seus.

Com uma simples cota, os Associados desta Associação ficam com direito:

Pensão de Reforma, até 450\$00 mensais; Pensão a Herdeiros, até 150 mensais; Pensão de Inabilidade, até 360\$00 mensais; Subsídios únicos, até 1.500\$00; Subsídio para Funeral, de 1.000\$00 a 25.000\$00.

Os subsídios que este Montepio concede, não podem ser penhorados nem arrestados (art. 21.º do Decreto-Lei 19.281).

Além doutras interessantes vantagens que este Montepio concede, o associado pode resgatar as cotizações com que haja contribuído, ou pedir a isenção do seu pagamento, no caso de desemprego, doença, prisão, etc.

Peça esclarecimentos por um simples postal, indicando a sua idade e pensão ou subsídio que pretende e na volta do correio serão-lhe dadas indicações detalhadas.

Agente em Guimarães: RAFAEL PEREIRA LOPES, Rua do Espírito Santo, 5 — Angariador: AVELINO FARIA GUIMARÃIS

Aceitam-se angariadores com remuneração compensadora.

Antiga Tinturaria de Guimarães

DE

FRANCISCO JOSÉ FERREIRA, FILHÓ

Rua de Gil Vicente, 30

Tintos firmes e garantidos em côr e preto para todos os artigos.
Remete encomendas contra reembolso para tôdas as terras
do País. Preços sem competência.

PENSÃO

ARCÁDIA

Comodidades
Modernas.A melhor
da cidade.

FABRICO

DE

Ferragens, Cutelarias, Pentes e Calçado para homem e criança

INDÚSTRIA DE GUIMARÃES

AUGUSTO MENDES

45, Rua de Gil Vicente, 47 — GUIMARÃIS

Desportistas!

Prefiram sempre

o

Café Sport

FÁBRICA DE MALHAS DE SANTA LUZIA

ANTÓNIO VAZ DA COSTA

Rua de Paio Galvão

Telefone 98

GUIMARÃIS

REPRESENTANTES — No Porto: Amândio Sotomayor — Rua da Constituição, 821. Em Lisboa: Antunes & Fonseca, Limitada — Rua dos Fanqueiros, 234-2.º.

TINTURARIA DE SANTA LUZIA

DE

António Alves Ferreira

Agente da Companhia de Seguros Ultramarina

99, Rua de Francisco Agra, 101

Guimarães

Tinge toda a qualidade de lã, seda e algodão. Côres garantidas. Preto sulfuroso. Preços reduzidos.

SE FOSSEMOS POLÍCIA... AS ALEGRIAS DA ALDEIA

Antes de exercermos uma profissão, para a qual nos sentíamos irresistivelmente atraídos, imaginamos nós que, uma vez nela admitidos, faríamos coisas até ali por ninguém praticadas, no sentido do bem, de modo que tudo transformaríamos como por encanto...

Queremos dizer: se pudessemos ser médico, sê-lo-íamos a valer, não só no perfeito conhecimento da ciência que abraçáramos, como na prodigalidade com que dispensaríamos a pobres e ricos — consólo humanitário e carinho sem limites nos transe dolorosos que acometem os enfermos. Se nos tivessem feito clérigo de qualquer religião, todas as almas procuraríamos salvar, pelo exemplo duma conduta irrepreensível, pela caridade sem alarme, pela simplicidade no trato e amor cristão pelo próximo. Se viessemos a fazer parte de qualquer magistratura, seríamos a personificação da justiça incorruptível, serena, humana, inflexivelmente destinada a todos julgar sem o menor penhor para A ou para B. E se... — que diremos nós?... — os deuses permitissem que um dia fôssemos polícia, propôr-nos-íamos educar paciente e persistentemente este bom povo que está tão carecido de educação, como de pão, mas sem fazermos uso de processos escandalosamente vergonhosos.

Fariamos, então, neste último papel, a mais bela obra que jamais se realizou, pondo em todos os actos da nossa vida uma nota frisante de decore, que obriga os outros a imitação, pelo menos.

O polícia não é hoje aquele personagem burlêsco que fazia rir as plateias quando se apresentava em cena nas revistas que tresandavam a pagode de taberna, em teatros que eram escolas de vício e depravação. O polícia, agora, é alguém que deve possuir educação, instrução, civismo. E, sendo assim, ele representa um grande valor, alguma coisa de muito útil, que facilitará aos demais elementos que formam a engrenagem social o cumprimento rigoroso dos deveres que são chamados a praticar.

Um polícia sem educação e quase destituído da instrução, esse será, não um elemento de ordem, mas de desordem, com a agravante de envolver uma farda e ter poderes de autoridade.

Nós compreendemos quanto é difícil chamar à ordem e manter nela os discóloos profissionais, as arresadas criaturas que nasceram, coitadinhas, e se criaram ao Deus-dará, respirando miséria moral e material desde o bérço até à cova.

Mas, por isso mesmo, porque é árdua a missão, ela se nos antolha simpática. Num campo assim, de vastidão crapulosa incomensurável, é que o ser polícia se impõe como uma honrosa missão.

Pelo aprumo moral, que não só pelo da espinha dorsal... é que o polícia poderá desempenhar com vantagem as suas funções. — Conseguir ser acatado, sem pela força obrigar quem quer que seja a acatá-lo, eis o fim que deve ter em vista uma autoridade digna dêsse nome.

Desconhecemos os progressos que lá fóra terá feito a polícia nesta ordem de ideias, postas aqui à luz da publicidade sem qualquer intenção reservada de melindre para este ou para aquele agente da autoridade. Nem é necessário que as conheçamos. Cada um raciocina como pôde e sabe, sem se preocupar com juízos alheios.

Se fôssemos polícia... procuraríamos ser assim correctos, no intuito de bem servir a sociedade.

SILÉNE.

N. da R. — Por nos parecer interessante, damos hoje publicidade a este artigo dum nosso ignorado colaborador. Fazendo-o, esperamos que nos seja revelado o seu nome, sem o que não poderemos dispensar-lhe, de futuro o nosso acolhimento.

Casa Garantia Prestamista

Liquidação

Tendo cessado, por deliberação própria, de efectuar transacções de empréstimos sobre penhores, vem por este meio e de harmonia com os artigos 34 e 36 do Decreto 17.766 de 17 de Dezembro de 1929, prevenir os srs. mutuários para no prazo de 90 dias resgatarem os objectos mutuados. Findo este prazo, serão vendidos em leilão.

Guimarães, 10 de Setembro de 1934.

minha memória. Não sei com que lágrimas chorarei a salúda desta noite de S. João, lágrimas oleosas de rico, amargas lágrimas de pobre. Tanto faz. O que hei-de é sentir nos lábios o escaldado húmido dos teus beijos, bater-me no coração o teu coração às quequeninas pancadas nervosas, coçar-me as mãos a delícia fina do teu corpo. Vê as águas do nosso rio. Elas passam, ora vêm, vão correndo mansamente as águas pela estrada fora do rio, sempre, ainda mais, e mais além, até ao mar. Perdem-se no mar, abraçam-se no mar e não são já as águas do rio, são a água do mar. Passam — repara — e parece sempre a mesma água. Nós dizemos — «correm as águas do rio», mas não pensamos no seu correr — em nosso pensamento são as mesmas águas paradas. Vai peregrinar em fadário a nossa vida. Outras margens, outro sol, por entre as fragas e na planura das várzeas. De fio débil e mürmuro, cresce e avoluma-se ao péso de outras lágrimas, que são de criança, água cristalina da fonte, as nossas lágrimas choradas; encrespa-se de alegrias; vence e rompe as procelas!; despenha-se em agüdes, espriai-se em lagos, nossa vida, até ao mar largo. Mas a imagem desta hora fica-nos prês e parada no coração. E para sempre, minha querida. Como no rio, outras águas que são a mesma água. Não nos diremos adeus. Adeus — para quê? Tu deste-me o teu amor, eu dei-te o meu amor; levas-me contigo, como eu te levo comigo — para a vida e para a morte...

Surpresa frustrada

A vida permanente da aldeia torna-se, por vezes, um tanto melancólica, mas, em determinadas quadras do ano, designadamente na Primavera e no Outono, o seu aspecto transforma-se por completo. Na Primavera, assistimos ao reviver da Natureza. E' a folhagem das árvores, é o desabrochar de mimosas e encantadoras flores, é o meigo cantar das avesinhas, é, enfim, tudo aquilo que é vida e alegria, que vem transformar aquele cenário de tristeza e de certo aborrecimento que se nota na estação de Inverno.

No Outono, o panorama é bem diferente, mas não deixa de ser agradável. A faina das colheitas, que constitui para o lavrador o prémio ou recompensa dos seus árduos trabalhos é deveras interessante, sobretudo quando o ano agrícola é farto, isto é, abundante. Nesta estação, apresenta-se-nos um quadro de desfalecimento, um quadro em que a Natureza principia a perder uma parte do seu vigor, uma parte da sua vida. E' a cór pálida das folhas de algumas árvores que nos anuncia o completo desfolhar destas, parecendo que todos os sinais de vida ficaram inertes. E' a vida sem galas e sem enfeites, é a transformação temporária da Natureza, que continua a viver, mas como que enlutada pelos fenómenos que se produzem no seu seio. Desaparecem, assim, os sintomas mais característicos da alegria, que passará a ter a sua hora, mais adiante, quando voltar a Primavera! E' devido a isto, que pode dizer-se que a Natureza revive! Cada uma no seu género, são estas as duas quadras do ano consideradas as mais belas e as mais encantadoras, aquelas que mais nos deliciam, quer pelos lindos descantes que os ecos repetirão com saúde, quer pelas apaixonadas canções dos passarinhos, que sabem interpretar e reproduzir as que ouvem cantar. Uma delas, por exemplo, de *Gonçalves Crespo*, é a que diz assim:

«Não dorme quem tem amores»
E o teu postigo é cerrado!
Deixa o leito perfumado,
E o travesseiro de flores,
Se queres que eu acredite,
O' minha pálida amiga,
Nas palavras da cantiga:
«Não dorme quem tem amores!»

Era esta, naturalmente, a cantiga que me queriam cantar umas pessoas muito queridas, que tentaram apanhar-me de surpresa, na manhã do domingo passado, depois de um grande sacrifício que fizeram, subindo a pés *calcantibus* a encosta de uma montanha, pela qual Nosso Senhor nunca teria passado!... Mas a amizade dssas pessoas, a única força que podia vencer os obstáculos da viagem, cá as trouxe até este ignorado recanto do mundo, trazendo a alegria e o conforto da cidade, a quem, actualmente está a gozar a alegria e o conforto de uma aldeia, que, no seu conjunto, dá a ideia de um amplo *Campo Santo*, cujos habitantes vestem as tintas escuras da noite e comem as amoras — a melhor fruta apreciada pelos tristes e cansados da vida! Mas, apesar de tudo, tem as suas alegrias, tem as suas lindas noites de luar e tem, também, como acima digo, a visita de pessoas muito

EDUARDO D'ALMEIDA.

dedicadas, de verdadeiros entes queridos, que, estando longe da vista, estão, todavia, muito pertinho do coração! Foram pessoas destas que pretenderam fazer-me uma surpresa, frustrada pelo facto de ter sido despertado por umas *piadosas badaladas* do sino da freguesia, anunciando a aproximação da hora da Missa, preceito que meus saúdos Pais me aconselharam a cumprir. Se assim não fôsse, se esta circunstância não se tivesse dado o plano da surpresa estava vingado, porque era, de facto, apanhado entre os lençois! Porém, não serviu isto de motivo para deixar de haver alegria em todos os corações que se aproximavam, nem mesmo para se perder o apetite, como muito bem se verificou num magnífico *pic-nic*, que se realizou à sombra fresca de alguns carvalhos, ao qual não faltou o *Pastor das Almas* da freguesia, que se retirou mais cedo do alegre convívio para cumprir preceitos inerentes à sua profissão. Foi um dia de íntima confraternização, faltando só a *viola* e o *cavaquinho*, que dão mais um pouco de *regionalismo* às alegrias da aldeia.

Mundo, 18 de Setembro.

M. ZINHO.

Notícias pessoais

Capitão Manuel da Silva

Deu-nos, na quarta-feira, o prazer da sua visita, o nosso amigo e distinto colaborador, sr. Capitão Manuel da Silva, que nas colunas do «Notícias de Guimarães» tem alimentado, com superior inteligência e verdadeiro amor patriótico e bairrista, algumas justas campanhas.

Capitão Tomaz Jorge Júnior

Esteve há dias na nossa redacção, onde veio apresentar-nos os seus cumprimentos, o que muito nos penhorou, o Capitão Chefe de música, regente e organizador do Orfeão de Landins da 5.ª Companhia indígena de infantaria, de Lourenço Marques, sr. Tomaz Jorge Júnior, que era acompanhado por seu filho o sr. Esau Mário Jorge.

O distinto maestro que veio tomar parte na Exposição Colonial, visitou Guimarães e, nessa passagem pela nossa terra, quiz vincar a sua passagem vindo à nossa redacção, onde se demorou algum tempo contando-nos interessantes passagens da sua vida militar e artística e da organização indígena que superiormente dirige.

Agradecemos a gentileza do sr. Capitão Tomaz Jorge Júnior apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

Dr. Manuel de Vasconcelos

Esteve nesta cidade, onde veio tratar de importantes assuntos de sanidade, o sr. Dr. Manuel Vasconcelos, ilustre Inspector Chefe da Higiene dos Trabalhos das Indústrias, que conferenciou com os srs. Delegado de Saúde, presidente da Câmara e Administrador do Concelho.

Dr. Domingos Pereira

De visita ao nosso presado amigo e estimado vimezanense, sr. Dr. Mariano Felgueiras, antigo presidente da Câmara Municipal e Deputado da Nação, esteve na Penha, na passada quinta-feira, o ilustre homem público, sr. Dr. Domingos Pereira, antigo Presidente de Ministério e da Câmara dos Deputados.

Dr. Eduardo d'Almeida

Tem estado entre nós, o nosso querido amigo e ilustre colaborador, sr. dr. Eduardo d'Almeida, que, como noticiamos, se encontra nas suas propriedades de Gominhães.

João Teixeira de Aguiar

Com sua ex.^{ma} esposa parte, dentro em breves dias, para Itália, onde vai demorar-se alguns meses, o nosso querido amigo e conterrâneo sr. João Teixeira de Aguiar, a quem Guimarães fica devendo uma importante obra

para a qual trabalhou com o maior esforço e invulgar dedicação. Queremos referir-nos à «Casa dos Pobres» que é, já hoje, uma das mais importantes obras de assistência e que muito honra, por isso, a nossa terra.

Lamentando a ausência temporária do bom amigo, apresentamos-lhe, bem como a sua ex.^{ma} esposa, os nossos cumprimentos, com o desejo duma feliz viagem.

Professor Jerónimo F. Botelho

Vai ser transferido, a seu pedido, para as escolas primárias oficiais do Pôrto, o nosso prezado amigo e distinto professor, sr. Jerónimo Ferreira Botelho, que durante algum tempo foi nosso camarada de trabalho neste jornal, onde deixou as maiores saúdes pela sua comprovada inteligência e inteireza de caracter.

E' mais um bom amigo que foje do nosso convívio, o que deveras sentimos.

Mgr. João Ribeiro

No próximo dia 28, passa o aniversário natalício de Mgr. João Ribeiro, digno Arcipreste desta cidade, a quem felicitamos.

* * *

Regressaram de Vidago os nossos bons amigos srs. drs. João d'Almeida e Manuel Jesus de Sousa.

— Segue amanhã, para as suas propriedades de S. Torcato, com sua família, o nosso querido amigo sr. Alberto Pimenta Machado.

— Tem estado entre nós, o ilustre magistrado e nosso bom amigo, sr. dr. António Carneiro.

— Partiram para a Póvoa de Varzim, com suas famílias, os nossos amigos srs. Amadeu C. Penafort, Tomaz de Almeida, Manuel C. Martins, Dr. António de Jesus Gonçalves, Benjamim de Matos e a sr.^a D. Maria Madalena Marques Mendes.

— Tem estado na Póvoa de Varzim e em Vizeu, os nossos amigos srs. Manuel da Silva Leite e Celestino Lobo, e António José Ribeiro, de S. Torcato, Infantas e Atães, respectivamente.

— Regressou de S. Pedro do Sul, o nosso prezado amigo, sr. José António Xavier de Matos Guimarães.

— Encontra-se nas suas propriedades de Lordelo, o nosso prezado amigo, sr. Francisco Pereira Quintas.

— Encontra-se algo encomodada, a sr.^a D. Ana Mendes Fernandes Pimenta, dedicada esposa do sr. Alberto Pimenta Machado.

Da Cidade

Propaganda do Minho — O «Grémio do Minho» que é bem «um templo regional» dentro do qual a «única religião que se professa é a do trabalho produtivo», no patriótico intuito de fazer a maior propaganda desta formosa região, procura organizar na sua sede, em Lisboa, uma exposição permanente de fotografias que sirvam para mostrar a paisagem, os costumes e os monumentos de que é tam rico o nosso Minho encantador. Para isso, incumbiu o sr. Santos Lima, inteligente fotógrafo, de Braga, de conseguir das Câmaras Municipais, Comissões de Iniciativa, etc., fotografias destinadas a enriquecer a galeria de arte e turismo daquela prestimosa associação.

Irmandade da Senhora da Guia — Tendo-se procedido à eleição da mesa administrativa desta irmandade, para o ano de 1935-1936, verificou-se o seguinte resultado:

Juiz: Antonino Dias de Castro; secretário, Simão Costa; tesoureiro, Manuel Joaquim da Cunha Machado; procurador, Manuel Calixto; vogais: António Marques Pereira, Alberto Gomes da Silva Guimarães e José Ventura Parêdes.

«Casa dos Pobres» — Na terça-feira reuniram-se no Salão Nobre da Câmara Municipal várias

individualidades em destaque no nosso meio, que trataram de vários assuntos referentes à «Casa dos Pobres», entre os quais o de ser dada a devida legalização a tam grande obra de assistência.

LUSO

A sapataria que se impõe pelo seu sortido e fino gosto.

Brevemente em exposição as últimas novidades em calçado para a estação de inverno.

Vendas exclusivamente a dinheiro.

Romaria de S. Mateus — Na freguesia de Gonça, realiza-se hoje, a tradicional romaria de S. Mateus, que promete atingir muito brilho.

Feira do Livro — No átrio do Hotel do Tournal tem funcionado, há dias a esta parte, a «Feira do Livro» encontrando-se ali expostos muitos exemplares dos melhores autores nacionais e estrangeiros.

Os seus organizadores tiveram a amabilidade de nos oferecer alguns livros, o que muito agradecemos.

Aniversários — No próximo dia 26 passa o aniversário natalício da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Joaquina Dias Pinto, veneranda mãe do nosso Director, e dos srs. Dr. Mário Dias, João, Agostinho e Francisco Pinto de Castro.

— Também no próximo dia 29 passa o aniversário natalício do ex.^{mo} sr. Dr. Mário Dias Pinto de Castro, Sub-delegado de Saúde, nesta cidade.

— Passou na terça-feira o aniversário natalício do interessante menino António Alberto, filho do nosso querido amigo, sr. Alberto Pimenta Machado.

— Fez anos no mesmo dia o nosso prezado amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior.

Os nossos parabéns.

Falecimento

Em Penafiel, finou-se, há dias, com avançada idade, a sr.^a D. Adelaide Silvéria Pereira de Castro, tia da esposa do nosso prezado amigo e estimado empregado superior da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, sr. José de Freitas Neves Pereira.

Embora tarde, apresentamos àquêlê nosso amigo e a tódã a restante família dorida, os nossos sentimentos.

Os nossos amigos

Pediram a assinatura do nosso jornal os srs. Virgílio Campos Machado, de Nespereira, e D. Beatriz da Silva Lima, desta cidade.

Os nossos agradecimentos.

Notícias de Guimarães

A tiragem do nosso número de hoje é de 5.000 exemplares, que são postos à venda, simultaneamente, em Guimarães, Lisboa, Pôrto, Braga, Fafe, e outras localidades.

Por conveniência de serviços administrativos a publicação é feita, esta semana, com a antecipação de um dia.

Fica-nos ainda de fora vário original, por absoluta falta de espaço.

Aos dig.^{mos} industriais

Comissionista fazendo Alentejo e Algarve, deseja mostruário de calçado de homem ou senhora. Conhece bem artigo e clientela, recebendo igualmente mostruário de outros artigos vendáveis.

CADELA COELHEIRA

Desapareceu, dando pelo nome de Rabina, estando a criar; é branca, orelha cabana. Gratifica-se quem a descobrir, procedendo-se a todo o tempo contra quem a retiver.

Informa-se na redacção dêste jornal.

Assinala o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS



Amadeu da Costa Carvalho
Presidente da A. G. do V. S. C.

Crónica Desportiva

As Reservas do Vitória vencem o Atlético de Guimarães por 7 a 1 — O Grupo de Honra vence o Sporting Club da Póvoa por 4 a 1 — Má composição.

No passado dia 16, no Campo de Benlhevai, pelas 15 h 12 horas realizou-se o anunciado desafio entre as Reservas do «Vitória» e o «Atlético» de Guimarães. O «Vitória» apresentou a linha seguinte: Amadeu; Machado e Lucínio; Salgado, João da Costa e Oliveira; Rodrigues, Fonseca, Pantaleão, Rocha e Bravo. Iniciado o jogo, sob a arbitragem de Amadeu José de Carvalho, o «Atlético» sentiu a sua grande diferença de classe e suportou o constante domínio do «Vitória» que no 1.º tempo lhe fôrou 3 vezes as redes. Rocha, do «Vitória» joga fracamente. No 2.º tempo, o «Vitória» marca mais 4 pontos, conseguindo o «Atlético» o seu «goal» de honra.

Fonseca marcou os 1.º, 3.º, 4.º, 5.º e 7.º «goals»; Bravo e Pantaleão, os 2.º e 4.º. Houve um «penalty» marcado ao «Atlético» e que deu o último ponto ao «Vitória». A arbitragem pecou por ter facilitado as entradas desleais aos jogadores.

Às 17 horas e 16 m., entra em campo o Grupo de Honra do «Vitória» que, julgamos, se antecipou ao visitante. Decorridos mais dois minutos, surge o «Sporting» da Póvoa, que saída a assistência. Vai arbitrar João Passos. Escolhidos os campos, os dois grupos alinham com os elementos seguintes:

«Vitória» — Adélio; Paredes e Ferreira; Freitas, Monteiro e Gonçalves; Faria, Constantino, João Jesus, Vergílio e Carteiro. «Sporting» — Guimarães; A. Pinheiro e Camilo; Agonia, N. e Braz; E. Pinheiro, Festas, Alberto, Neves e Galiza.

O «Sporting» joga contra o sol. Iniciado o jogo, esboçam-se passagens indecisas e o Vitória desce, obrigando o guarda-redes poveense a intervir. Natural reacção, que Paredes tenta aliviar, mandando a bola para «corner». Marcado este, N. dá a recarga que Adélio defende vistosamente. Penalidade contra a Póvoa que nada resulta. Laureta, saltando a uma bola, magoa-se obrigando o árbitro a interromper o jogo por dois minutos. É substituído por Cunha. Recomeçada a jogada é assinalada uma «mão» contra o «Sporting» que Freitas marca. Descida ao terreno do «Vitória», que Paredes alivia, iniciando-se a avançada que sob o comando de João Jesus, obriga à intervenção o «Keeper» poveense que manda para «corner». Marcado por Faria, o esférico é recolhido por João Jesus, de cabeça, e o «Vitória» abre o seu «score». Bola ao centro, saída do «Sporting», que desce com indecisão ao terreno vimaranense. Faria segura um «passe» de Monteiro e, pela sua morosidade, obriga Vergílio a rematar coberto, saindo a bola a um canto. Posta a bola em jogo, o «Vitória» segura e é iniciada nova avançada que termina por um potente remate de Constantino. O «Keeper» poveense faz dificilmente a defesa, dentro das balizas, que o árbitro não assinala. Uma vez a bola em jogo, este é feito agora a meio-campo, durante uns escassos segundos, e logo uma descida ao terreno do «Sporting» que obriga à intervenção de Guimarães, que defende a pontapé. Jogo de alternativa. Monteiro, serenamente, vai combinando bem com João Jesus. Laureta entra de novo ao campo. Paredes alivia forte por 3 vezes. Adélio intervirá na recarga de N., após duas descidas. «Shoota»

lar continuou a prática do foot-ball, jogando com os Desportivo Famalicense, Sporting Club Lixense, Luso Atlético Club, do Pôrto, Vilanovense Foot-ball Club de Gaia (Câmpio da II Divisão do Pôrto), Sport Club de Vizela, Sport Club do Minho, Sport Club Maria da Fonte, Sporting Club Amarantino, Ermezinde Foot-ball Club, Leça Foot-ball Club, Sport Club de Penafiel e Estrêla Sport Club, de Braga. Foram criadas as escolas de ginástica e de esgrima.

Na época de 1926-27, ressurge o «Vitória Sport Club» em pleno Novembro, pela conveniência do seu nome para a disputa do Campeonato Distrital. Iniciados os jogos, só o Infantil vai às finais, conquistando o título de *Câmpio Distrital*.

Um mês depois, Guimarães vê-se privada do seu campo de jogos e prolonga-se até Novembro de 1928 a interrupção desportiva, em que a acção esmoreceu e se tornou inanimada. Em 3 de Novembro os jornais anunciavam a organização do Grupo Desportivo e Atlético Português, à frente do qual se encontravam: Humberto Pinheiro, Amílcar de Sousa, Manuel Dâmaso Baptista, José Ferreira Martins, Domingos Dantas, Adelino Vila Nova Guimarães e José A. Almeida Araújo — de cuja acção nada consta por ter sido restricta.

Nova interrupção de 3 anos, e, da organização do Sport Comércio de Guimarães que realizou desafios fóra, aparece Carlos Machado que, a expensas suas, aluga e inicia obras no Campo de Benlhevai, reorganizando o «Vitória Sport Club».

Inaugurado o Campo de Jogos, em 24 de Janeiro de 1932, com concorrência farta, a prática de foot-ball foi um continuado exercício a bel-prazer dos jogadores, onde só foram postos à prova os conhecimentos e aptidões individuais.

Porque os sócios filiados acharam má a orientação que vinha sendo dada ao Club, em Abril elegem uma Direcção Provisória para efectuar a sua remodelação e da qual fizeram parte: Dr. José Pinto Rodrigues, Eduardo Pereira dos Santos, José Faria Martins e Domingos Fernandes. Organizados os Estatutos, foi nomeada uma Comissão Administrativa, que tomou posse em Setembro e composta pelos associados: Heitor Campos, Dr. Francisco Rodrigues, Dr. Isafas Vieira de Castro, Amadeu da Costa Carvalho e Eduardo Pereira dos Santos. A acção desta Comissão Administrativa foi devéras inteligente, pois não só conseguiu imprimir ao grupo uma melhor técnica — contratando o treinador Genecy — mas também alargou a propaganda do desporto vimaranense. Finalizou o seu mandato com um deficit de perto de oito mil escudos, de que assumiu responsabilidade individual.

Em Julho de 1933, em Assembleia Geral, foi eleita a actual Direcção e de que são ilustres membros: Dr. José Pinto Rodrigues, Dr. Adelino Jorge, António Gualberto Pereira, Amadeu da Costa Carvalho, António Faria Martins, Augusto Pinto, Francisco Correia, Francisco Pereira Quintas, António Francisco Ferreira de Castro, Amadeu José de Carvalho e Fernando Settas. Encarecer da sua acção brilhante, fazendo do «Vitória Sport Club» uma das maiores colectividades vimaranenses, o mesmo será que lembrar as horas de intenso regosijo, os triunfos alcançados e o benéfico movimento turístico que tanto orgulho traz para a nossa e sua Terra.

L. C.



Tenente Gervásio M. C. de Carvalho
Antigo Capitão-Oeral do V. S. C.

aos dianteiros, João Jesus comanda, passa a Vergílio que remata fraco. Devido ao ligeiro domínio esboçado pelo «Vitória» há quatro bolas fóra. O jogo concentra-se no campo poveense. Uma fuga pela ponta direita do «Sporting», e, ao seu remate, Adélio defende à vontade. Penalidade contra o «Sporting», «corner» contra o grupo visitante, que passa alto e o árbitro regista como fóra. Penalidade contra o «Sporting». Discussão entre árbitro e jogadores. O público, em seu costume useiro, mete bedelho e grita. João Passos, abandona o campo. Interrupção de jogo. Cinco, seis minutos contados, e entra para arbitrar o sr. Amadeu José de Carvalho. Posta a bola em jogo, logo é marcada uma penalidade ao «Vitória». Avançadas que falham. Paredes continua seguro. O jogo interna-se no terreno do «Sporting». Remate de Vergílio que vai fóra. Remate de Constantino que obriga o Keeper poveense a mandar para «corner», que nada resulta. Vergílio remata alto. Bola em jogo, e o «backs»-esquerdo do «Sporting», manda a bola fóra ao tentar o seu despacho. Uma nova descida às redes do «Vitória», que Adélio manda para «corner», quando Laureta lhe tentava fazer a passagem, nada resultando. Monteiro continua a servir bem a linha dianteira, o que obriga o «Keeper» poveense a uma defesa apertada.

— No 2.º tempo, coube a saída ao «Vitória». O «Sporting» reage, interna-se no terreno vimaranense, não sem que deixe à vontade o avançado-centro João Jesus, que depois de driblar 3 jogadores do «Sporting», remata e consegue o 2.º «goal» do «Vitória». Saída,

nova descida que assinala um «off-side» dum «forward» vimaranense. Descida do «Sporting», e, a um falhanço de Maneca, é-lhe contado o seu ponto de honra. Bola ao centro, perda da jogada, e remate às redes vimaranenses que sai alto. Posta a bola em jogo por Adélio, a linha avançada vimaranense aproxima-se das redes do «Sporting» e, a uma recolha de Vergílio, este remata alto. Contra-reacção do «Sporting», e uma «mão» de Paredes que o árbitro não assinala. A linha dianteira do «Sporting» entende-se melhor, mas há sempre deslocação que obriga o árbitro a marcar 5 «off-sides» seguidos. Penalidades contra o «Vitória» e «Sporting». «Corner» marcado ao grupo vimaranense, que nada resulta. Descida do «Vitória» que o «back-direito» alivia. Nova investida dos «forwards» vimaranenses, e, após enorme confusão, o guarda-redes poveense tem uma má defesa que se traduz no 3.º «goal» para o «Vitória». Bola ao centro, e uma «mão» de Monteiro. Marcado o livre, Adélio encaixa com facilidade. Manda a bola para jogo, o que proporciona duas descidas ao terreno do «Sporting», com intervenções de Guimarães.

Descida ao campo do «Vitória», que Cunha alivia. «Off-side» descarado dum jogador da Póvoa que não é assinalado pelo árbitro. Má saída de Guimarães, e, a um remate alto, a bola vai fóra. Jogo de alternativa. O «Vitória» exerce agora um grande domínio. «Corner» contra o «Sporting». Avançada bem delineada da parte dos vimaranenses, Carteiro passa a João Jesus que despacha para Constantino. Este, senhor do esférico, remata forte e obtém o 4.º «goal» para o nosso primeiro grupo. Saída do «Sporting», que desce e obriga Paredes a mandar a bola para «corner», que facilmente é defendido. Descida do «Vitória» que termina por um mau remate de Vergílio. Há jogadas delineadas de parte a parte. O «Sporting» tenta reagir, mas o árbitro dá por findo o desafio.

Na última *Crónica Desportiva* não saiu distinta a primeira parte da 2.ª — o que se prestou a confusões dos menos avisados e que nada trouxe de proveitoso. Uma afirmação solene se faz: aqui, neste cantinho dedicado ao desporto, nem aguilhadas nem questões pessoais se hão-de dirimir.

Acima das tricas, só a feição puramente jornalística e a propaganda intensiva do desporto regional.

Espectador.

Camisas?

Só TABU

à venda na
Casa das Gravatas.



Heitor da Silva Campos
Presidente da 1.ª Comissão Administrativa do V. S. C.

Para a organização de um Calendário de Jogos

Época de 1922-1923

- | | |
|---|-------|
| 18 de Fevereiro de 1923 — Vitória perde com o Académico de Guimarães, na Atouguia por | 1 a 0 |
| 4 de Março — Vitória perde com o Académico de Guimarães, na Atouguia por | 1 a 0 |
| 8 de Abril — Vitória perde com o team Militar do R. I. 20 por | 4 a 2 |
| 22 de Abril — Vitória perde com as 2.ª do Sporting Club de Braga, em Braga por | 3 a 2 |
| 29 de Abril — A Seleção Vimaranense perde com o Desportivo Famalicense por | 8 a 1 |
| 13 de Maio — Vitória perde com a Seleção Vimaranense por | 4 a 2 |
| 27 de Maio — Vitória ganha ao Onze Vermelho de Braga, na Atouguia, por | 7 a 1 |
- Linha: Mário Ferreira, Pimentel e Pontes; António, Evaristo e Pereira; Costa, Belmiro, Artur, Adriano e Mendes Martins.



António Macedo Guimarães
Antigo Presidente do V. S. C.

- | | |
|--|-------|
| 3 de Junho — Seleção Vimaranense perde contra o Desportivo Famalicense por | 5 a 1 |
| — 2.ª Categorias do Vitória perde com o Sport Club de Vizela por | 8 a 0 |
| 17 de Junho — Vitória vence o Sport Vista Alegre Club de Ihavo, por desistência deste, após grande domínio. | |
| Linha: Mário; Pimentel e José Campos: A. Mendes, Evaristo e Pereira; Costa, Artur, Armando Freitas, Adriano e Serra. | |
| 8 de Julho — Seleção do Vitória vence contra o Sport Club de Vizela, na Atouguia por | 1 a 0 |
| 16 de Julho — Vitória vence o União Sport Club de Guimarães, por | 6 a 2 |

Época de 1923-24

- | | |
|--|-------|
| 30 de Setembro — Vitória perde com o Desportivo Famalicense, em Famalicão, por | 4 a 1 |
| Campeonato Distrital
(1.ª mão) | |
| 4 de Novembro — Vitória perde com o Braga Sport Club, em Braga, por | 2 a 1 |
| 11 de Novembro — Vitória perde com o Sporting Club de Braga por não comparência em campo, jogando depois amigavelmente e acusando o marcador a favor do Sporting | 2 a 0 |
| 18 de Novembro — Vitória perde com o Triunfo de Barcelos, em Braga, por | 3 a 2 |
| 27 de Janeiro — Inauguração do Campo José Minotes — Vitória perde com o Sporting de Braga por | 4 a 0 |
| 3 de Fevereiro — Vitória vence o Grupo Sportivo Oliveira Martins, do Porto, por | 5 a 2 |
| 10 de Fevereiro — Vitória vence o Braga Sport Club por | 5 a 2 |
| 17 de Fevereiro — Vitória empata com o Desportivo Famalicense por | 3 a 3 |
| 24 de Fevereiro — Vitória vence uma Seleção do Nun' Alvares, do Porto, por | 1 a 0 |
| 3 de Fevereiro — Vitória vence o Amarante Sport Club por | 5 a 1 |
| 4 de Maio — Vitória vence o Nun' Alvares, do Porto, por | 5 a 1 |
| 11 de Maio — Vitória vence o União de Barcelos por | 4 a 3 |
| 25 de Maio — Vitória perde com o Académico Foot-ball Club do Porto por | 5 a 2 |
| Linha: Gervásio; Augusto Mendes e João Campos; António Mendes, José Campos e Mota; Aires, Artur, Armando Adriano e Evaristo. | |
| 1 de Junho — Vitória perde com o Boavista, do Porto, por | 6 a 3 |
| 15 de Junho — Vitória vence o Foot ball Club de Gaia por | 4 a 2 |
| 22 de Junho — Vitória vence o Nun' Alvares, do porto, por | 4 a 2 |
| Linha: Gervásio; Augusto e Campos; António, Mota e Evaristo; Artur, Aires, Castro, Mendes Martins e Morais. | |

(Continua).

Preferir o "Café Tournal" é, por si só, um sintoma de Elegância e Distinção.

Fábrica

de

Tecidos da Cruz de Pedra, L. da

Guimarães

TELEFONE
190

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Jornal defensor dos interesses do Concelho.
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCO.

Ex.º Snr.

Sociedade Martins Sarmento

